

O islamismo e a guerra: Análise da relevância da religião no conflito Arábia Saudita e Irã

JOÃO PAULO BEZERRA URBANO

A religião, em específico, o islamismo, é um fator inegavelmente presente no Oriente Médio, e portanto de grande relevância na esfera da geopolítica e das relações internacionais entre os países da região. A grande discussão que se sucede aqui é em que nível está essa relevância. Muitas análises do mundo ocidental costumam isolar o particular da religião dentro do universal dos conflitos e resumi-los a um mero “desentendimento” religioso. Entretanto, é importante entender a religião como uma das várias fontes de tensão desses conflitos, e buscar entender a complexidade das questões em jogo.

É costumeiro também analisar a partir de um prisma orientalista que busca reduzir, mistificar ou até mesmo desumanizar os assuntos que vêm do mundo oriental. Alguns preconceitos estão inclusive perpetuados no senso comum de populações ocidentais, como o uso do termo Xiita enquanto sinônimo de “radical” e até mesmo de terrorista. Para além dessa mistificação é incorreto fazer essa associação, uma vez que grupos como DAESH, o Autointitulado Estado Islâmico e Al-Qaeda têm orientação Sunita (FOR CONSERVATIVE...; 2006).

Para fins analíticos, pretendo isolar o fator ‘religião’ dentro do conflito entre Irã e Arábia Saudita, tendo como objetivo medir o impacto dessa esfera no conflito em si. Isto posto, é preciso uma breve contextualização dos ramos que o islamismo tomou nesses dois países. A partir daí, as atuais persistências desse caráter no conflito atual de forma a compreender a totalidade do impacto religioso nesse contexto longe de um prisma orientalista. (Aqui poderia vir um breve resumo dos pontos principais que serão tratados adiante)

Primeiramente, podemos notar que o conflito em análise tem como fonte de tensão a própria história do islamismo (BARATA, 2007). Logo após a morte de Maomé, o profeta do Islã, no ano 632 d.C, que ocorre a cisão entre o Xiismo e o Sunismo. A cisão em si pode ser resumida pela disputa de que grupo seriam os sucessores legítimos de

Maomé e, de forma geral, essa cisão gerou ao longo dos séculos, correntes diferentes de interpretação do alcorão. Outras vertentes do islamismo também coexistem com o Xiismo e o Sunismo, mas para fins analíticos, iremos focar apenas nessas duas e em suas correntes que são as mais presentes na Arábia Saudita e no Irã.

A complexidade dos fatores gera uma cisão que perdura até os dias de hoje, tendo como seus representantes internacionais a Arábia Saudita, um país propagador do Sunismo, e o Irã, que propaga e defende o Xiismo internacionalmente. Como de costume das religiões abraâmicas, cada vertente se enxerga com um exclusivismo natural. Dessa forma, a defesa de uma vertente significa, necessariamente, a invalidação e por vezes, o combate aberto a vertentes diferentes já que cada qual entende que existe apenas uma forma correta de se viver e praticar o Islã - a sua. Para além disso, essas vertentes em disputa possuem correntes internas que também disputam a exclusividade apontada. No caso saudita, isso cria um particular que ajuda a explicar certos pontos da totalidade do conflito e da própria política interna do país. A família Saud, que comanda através de uma monarquia teocrática o estado saudita, adotou a vertente wahhabista Sunita que alguns críticos consideram a ortodoxia dentro do já ortodoxo sunismo (CRISIS GROUP, 2005). Logo, poderíamos dizer que o Wahhabismo é a corrente ultra-conservadora do Sunismo (ILIAS, 2021). Tal corrente teve origem numa revitalização da era moderna, de outra corrente, a Salafista, que é do século XVII d.CI (COMMINS, 2009).

O interessante aqui é notar que isso implica diretamente no apoio do Estado Saudita a grupos jihadistas como o DAESH, o autointitulado Estado Islâmico, e também como a própria Al-Qaeda. Esses grupos têm ligação direta tanto com o Wahhabismo, no caso do DAESH, e o salafismo no caso da Al-Qaeda. A interpretação geral é de que no caso da Arábia Saudita, se tem não apenas um estado teocrático, mas sim, um estado missionário. Isso significa que o Estado deve se preocupar em propagar a sua versão do Islã para o mundo e mais que isso, defender aqueles que estão exportando e combatendo as outras vertentes existentes, como no caso do DAESH no Irã.

Por exemplo, os ataques orquestrados pelo DAESH contra o Irã (ALKHSHALI, 2023) chegaram inclusive a assassinar um grupo de sunitas em um santuário, reforçando a ideia e que a fonte de tensão não se resume à cisão Sunita/Xiita mas leva em conta estritamente as vertentes de cada uma.

ntes de cada uma. Os mortos sunitas, nas palavras do DAESH, foram mortos por serem considerados “infiéis”, ou seja, eram adeptos de outras vertentes (ENTENDA...; 2023). Este é o nível de complexidade material que é imposta ao nível de análise: revitalizações modernas de pensamentos medievais de uma cisão ocorrida ainda na época dos sucessores de Maomé, no século XII, atuam diretamente como fonte de tensão em conflitos atuais do mundo islâmico.

Já para o caso Iraniano, após a Revolução Iraniana de 1979, processo político que levou à implementação da República Islâmica do Irã,, o caráter missionário foi reforçado enquanto uma política de Estado. O Irã passaria a se portar no plano geopolítico e internacional como propagador da sua versão do Islã, e da mesma forma que a Arábia Saudita, defendendo os praticantes de sua fé.

É a partir desses contextos históricos políticos, que entendo o particular da religião no conflito Irã e Arábia Saudita como possuidor de alta relevância para a questão analisada. Entender a difusão da religião em estados teocráticos é essencial, pois nesses governos a fé ocupa o lugar de definidor de políticas públicas. Em particular, no caso do Islamismo a exclusividade defendida por ambas as partes no quesito religioso, leva, cada qual a sua maneira, a se comportarem no campo internacional como detentores do legítimo e da verdade- o que, por si só, é uma fonte de tensões diplomáticas entre os países. Por óbvio, entretanto, a complexidade e os multifatores que criaram e geraram o conflito não podem ser resumidos a essa disputa religiosa, mas é preciso de uma olhar aprofundado na questão religiosa se quiser entender o conflito dentro de sua totalidade.

Referências

ALKHSHALI, A. P., Hamdi. Ataque terrorista reivindicado pelo Estado Islâmico deixa 15 mortos no Irã. Disponível em: <<https://www.cnnbrasil.com.br/internacional/ataque-terrorista-reivindicado-pelo-estado-islamico-deixa-15-mortos-no-ira/>>. Acesso em: 15 fev. 2023.

Barata, M. J. (2007). A oposição Sunismo/Xiismo enquanto fonte de tensão e conflito no Médio Oriente contemporâneo. Ensaio para o Seminário de Geopolítica da Paz e dos Conflitos. Programa de Doutoramento de Política Internacional e Resolução de Conflitos. Coimbra: Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra

Commins, David (2009). The Wahhabi Mission and Saudi Arabia. [S.l.]: I.B.Tauris.

Crisis Group (2005), "The Shiite Question in Saudi Arabia – Executive Summary", Middle East Report, nº45, 19 de Setembro. URL a 1/7/2007.

Entenda por que o Irã foi alvo do Estado Islâmico. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/mundo/entenda-por-que-ira-foi-alvo-do-estado-islamico-21445954>>. Acesso em: 14 fev. 2023. às 21:40

For Conservative Muslims, Goal of Isolation a Challenge. www.washingtonpost.com, 5 set. 2006. Acessado em: 14 de fev, 2023 às 21:44.

Ilias, M. H. (2021). Of Passport and Politics: Faith and Politics Among the 'Neo-Salafis' of South India. Sociological Bulletin, 70(4), 542–556. <https://doi.org/10.1177/00380229211051036>

Entenda por que o Irã foi alvo do Estado Islâmico. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/mundo/entenda-por-que-ira-foi-alvo-do-estado-islamico-21445954>>. Acesso em: 14 fev. 2023. às 21:40

ROBERTO, William Moraes. A política externa do Irã e o impacto do conflito na Síria: alterações geopolíticas regionais e a estratégia iraniana. TCC (Bacharel em Relações Internacionais) - Faculdade de Ciências Econômicas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2015.

SANTO, Murillo Müller do Espírito; BALDASSO, Tiago Oliveira. A Revolução Iraniana: Rupturas e Continuidades na Política Externa do Irã. *Perspectiva: Reflexões Sobre a temática Internacional*, RS, v. 10, n. 1, p. 70-84, fev./2018. Disponível em: <https://www.seer.ufrgs.br/RevistaPerspectiva/article/view/80167> . Acesso em: 14 fev. 2023.

ZAHAR, León Rodríguez. La revolución Islâmica-clerical de Irán, 1978-1989. El Colégio de México: México, D. F., 1991.